

OS DESAFIOS DA PANDEMIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL E COTIDIANO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

THE CHALLENGES OF THE PANDEMIC IN THE EDUCATIONAL AND DAILY CONTEXT OF PEOPLE WITH DISABILITIES

Camyla Micaely Silveira Peixoto¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar a experiência educacional e cotidiana de pessoas com deficiência no contexto da pandemia. Há mais de um ano, o mundo atravessa uma pandemia denominada de COVID-19. Esta situação modificou de forma significativa a vida da população, sobretudo, de grupos vulneráveis como as pessoas com deficiência que encontram mais dificuldade para ter acesso aos direitos humanos. Justamente para analisar este contexto, o presente estudo se baseia em um levantamento bibliográfico e na análise de relatos biográficos com o foco na história de luta das pessoas com deficiência, trazendo a discussão para os dias atuais. A análise dos dados foi realizada à luz da literatura no campo da deficiência. Os resultados indicam que as atitudes preconceituosas contra as pessoas com deficiência estão no cotidiano e nas relações escolares, permanecendo, inclusive, no contexto da pandemia. Por essa razão, a luta pela igualdade e não discriminação é ainda um tema emergente na sociedade.

Palavras-chaves: COVID-19; Isolamento social; Pessoas com deficiência; Barreiras educacionais.

ABSTRACT

This article aims to analyze the educational and everyday experience of people with disabilities in the context of the pandemic. For over a year, the world has been experiencing a pandemic called COVID-19. This situation has significantly changed the lives of the population, especially vulnerable groups such as people with disabilities who find it more difficult to access human rights. Precisely to analyze this context, this study is based on a bibliographical survey and on the analysis of biographical reports with a focus on the history of struggle of people with disabilities, bringing the discussion to the present day. Data analysis was performed in the light of literature in the field of disability. The results indicate that prejudiced attitudes against people with disabilities are in everyday life and in school relationships, remaining in the context of the pandemic. For this reason, the struggle for equality and non-discrimination is still an emerging issue in society.

Keywords: COVID-19; Social isolation; People with disabilities; Educational barriers.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a experiência educacional e cotidiana de pessoas com deficiência no contexto da pandemia, destacando a história de luta e conquista deste grupo social. No atual, o mundo vive em estado de pandemia denominada de COVID-19. Os cientistas identificaram uma família de vírus causadores de infecções respiratórias, que mudaram a estrutura

¹ Mestranda em Ciência da Computação da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Graduada em Licenciatura em Computação e Informática. Formada nos cursos de Sistemas Operacionais, Básico de MS-ACCESS.

de vida de todo planeta. Esse impacto foi de repente, no qual, mudou significativamente a rotina da população, impedindo, em muitos casos, o acesso ao trabalho, à escola e a vida social.

A COVID-19 é um assunto repercutido na atualidade. A sociedade vivencia uma era de isolamento que parece atípica para os demais, mas que pode ser comparada com o recorte histórico de tempos atrás, do limite de convivência social a qual estava circunstanciada a vida das pessoas com deficiência. Por exemplo, na “Grécia Antiga as pessoas que nasciam com algum tipo de deficiência nem chegavam a conviver com a própria família ou em sociedade” e eram isoladas em instituições especializadas (Peixoto, 2019, p.14).

Trazendo estes aspectos da história das pessoas com deficiência, correlacionando com a realidade mundial atual, a presente pesquisa analisa o “abalo da normalidade” com relação aos limites da vida cotidiana frente ao isolamento social em decorrência da prevenção da COVID-19. O que é considerado um estado de “anormalidade” para a população em geral – o “ficar em casa” – foi e é a única alternativa de vida possível para muitas pessoas com deficiência.

Assim, o isolamento social a qual vive a população, serve de base para problematizar sobre o recorte social que limitou a vida das pessoas com deficiência das relações sociais e, conseqüentemente, os “destinos” deste grupo social, que ainda hoje, encontra menor possibilidade de acesso aos ambientes educacionais, de trabalho, de entretenimento ou até mesmo barreiras da convivência em sociedade (ONU, 2006).

Mesmo sabendo que é de seu direito às pessoas com deficiência conviver em sociedade, ainda existem muitas barreiras que impedem a este grupo o exercício das liberdades fundamentais. Contrário a isso, a publicação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência orienta que as pessoas com deficiência devem viver em sociedade de forma independente e participatória, com acesso igualitário aos direitos humanos. Nesta linha, os Estados Partes devem adotar medidas apropriadas que assegurem às pessoas com deficiência acesso ao meio físico, aos transportes, à comunicação e às informações (ONU, 2006). O texto da Convenção ressalta ainda que as pessoas com deficiência devem ter liberdade no acesso “[...] aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na zona urbana como na rural” (ONU, 2006, art. 9). As medidas propostas pela ONU visam ampliar as possibilidades e diminuir os obstáculos e as barreiras que estão presentes no espaço comum e que ainda impedem que as pessoas com deficiência convivam com os demais no espaço de uso público e tenham acesso aos direitos humanos e às liberdades fundamentais.

No entanto, o mundo ainda está em transformações com relação à inclusão social. A conscientização social com relação aos direitos das pessoas com deficiência ainda necessita adentrar na malha social, especificamente, no que se refere ao direito constitucional à igualdade, independentemente da cor/raça, das condições financeiras e da deficiência (Brasil, 1998). Ao longo da história das pessoas com deficiência, percebe-se que foram muitas lutas para conquistar seus direitos de viver em sociedade. Apesar desses direitos ainda não atenderem a todos, nem serem plenamente de conhecimento da população com deficiência.

Trazendo esses aspectos, este artigo está dividido em três seções. Na primeira, os aspectos do isolamento social são discutidos à luz de referenciais teóricos bases do presente estudo. No segundo momento, os procedimentos metodológicos são explicitados, bem como as etapas do processo de coleta de dados. Por fim, na terceira seção, os dados coletados são apresentados em quatro dimensões e analisados à luz da literatura delimitada nesta pesquisa.

1.1 Aproximações teóricas sobre isolamento social

O fenômeno do isolamento social é amplamente analisado por diferentes perspectivas teóricas. Segundo Borba e Lima (2011), o isolamento social abrange diversos grupos, no qual se encontram em diferentes situações de vulnerabilidade social. Com base na discussão apresentada pelos autores, é possível definir *isolamento social* como o distanciamento de uma determinada pessoa ou grupos que são mantidos excluídos dos demais indivíduos da sociedade que se localiza.

Assim, isolamento e exclusão social são eventos interdependentes. Pode-se destacar certos fatores clássicos que provocam isolamento social e exclusão, como o racismo estrutural que, historicamente, é responsável por segregar indivíduos e grupos em razão de características de cor e etnia. Campos (2017, p.1) entende o racismo como “[...] um fenômeno enraizado em ideologias, doutrinas ou conjuntos de ideias que atribuem uma inferioridade natural a determinados grupos com origens ou marcas adstritas específicas. [...]”.

De acordo com Silva (2006), desde o período colonial, a cultura negra era subestimada e segregada nos espaços sociais. Para fugir do isolamento, os negros tinham que se adaptar às normas rígidas dos comportamentos que impostas pelas tradições europeias na época de escravidão (SILVA, 2006). Portanto, por trás do isolamento social existe a história de exclusão de grupos sociais específicos e significados socioculturais que classificam e demarcam o sentido de suposta

superioridade/inferioridade humana, no qual há a necessidade constante de adequação às normas culturais dominantes.

Tal como às lutas da população negra, no decorrer da história, as pessoas com deficiência, em termos de segregação e exclusão, também tiveram que enfrentar discriminação, normalização e barreiras sociais. Corrent (2011) argumenta que o tratamento social dado às pessoas com deficiência, em cada época histórica, tem características específicas:

[...] para uns foram considerados como loucos, bandidos, ou simplesmente foram excluídos pela sociedade, por serem vistos como incompletos incapazes ou anormais, ou até mesmo excluindo, ou isolando, mas também tinham aqueles que sentiam compaixão. Todos os viam mais poucos reconheciam seus verdadeiros valores, tudo isso proporcionou uma diversidade de sentimentos que ia da rejeição, solidariedade à aceitação (Corrent, 2011, p.1).

As pessoas com deficiência tiveram grandes desafios para conseguir viver em sociedade, sobretudo, porque esse grupo social sofreu a invisibilidade (Ferreira, 2004). De acordo com Ferreira (2004, p. 5), em nações economicamente ricas, o fenômeno do isolamento social não deixa de existir, já que muitas “pessoas com deficiências [ainda] são institucionalizadas e privadas de conviverem com suas famílias [...]”. Da mesma forma, nos países considerados em “desenvolvimento”, as pessoas passam por situações de violência e privação como abandono, falta de acesso aos direitos humanos, como acesso à saúde e à educação e a tratamentos de cuidados adequados para as suas necessidades cotidianas.

Nesta perspectiva, Soares (2010) argumenta que o isolamento social não acontece por impossibilidade das próprias pessoas com deficiência de conviverem com os demais, mas sim como resultado de desigualdade estrutural, das desvalorizações pela sociedade, dos preconceitos enfrentados por essas pessoas, das crenças e das particularidades que fortalecem um ciclo da invisibilidade social. O sistema de ensino é um dos lugares em que a segregação e a invisibilidade se materializam. Ferreira (2004) demonstra que os estudantes são excluídos, pelo simples fato de existirem crenças limitantes com relação à deficiência. A consequência disso é viver em isolamento, mesmo quando essas crianças e jovens estão no mesmo espaço que os demais estudantes.

Ainda abordando a questão do isolamento e transferindo essa reflexão para o contexto atual, hoje presencia-se o que muitos denominam de isolamento social involuntário devido às restrições contra a propagação da COVID-19. A situação presente condiciona a população em geral a mudarem seus hábitos, comportamentos e contato social. Com essa mudança, todos estão

destinados a viverem em isolamento social e sentir os efeitos nocivos das restrições do convívio social; de como a impossibilidade de estar no espaço público, convivendo com as pessoas, afeta a nossa vida em todas as áreas.

É evidente que a situação atual é bem diferente da história de isolamento de grupos sociais marcados pela discriminação e violência, como negros e pessoas com deficiência. No entanto, a situação de isolamento social devido ao COVID-19 coloca em debate questões que até pouco tempo permaneciam invisíveis, mas que fazem parte do cotidiano de pessoas com deficiência, como a segregação dos espaços escolares, conforme discutido nas seções seguintes.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A elaboração deste trabalho foi realizada por meio de levantamento de documentos e artigos científicos que retratam os direitos e a história das pessoas com deficiência. Os critérios para a escolha dos materiais examinados foram três: a) documentos sobre os direitos das pessoas com deficiência, difundidos no Brasil posteriormente a publicação da Constituição Brasileira de 1988; b) artigos científicos publicados em revistas de impacto na área de educação especial/inclusiva ou áreas correlacionadas; c) textos científicos que analisam a problemática do isolamento social no contexto da pandemia por COVID-19.

Ao mesmo tempo, a pesquisa coletou relatos de pessoas com deficiência acerca do seu cotidiano no âmbito das restrições do isolamento social. As entrevistas foram abertas, abordando temas tais como convivência, acesso à educação e direito à saúde no contexto da pandemia por COVID-19.

A coleta de dados ocorreu com três pessoas com deficiência diferenciada: duas com paralisia cerebral e uma com síndrome de Williams. Em complemento, o intuito de relacionar dados publicados em veículos oficiais como leis e periódicos com o posicionamento das pessoas com deficiência é trazer a dimensão da vivência/experiência para a discussão teórica. Conforme argumenta Lakatos (2003), o processo de elaboração científica é um processo híbrido de ideias, situações e fatos:

Se, de um lado, o estudo aprofundado das ideias principais de uma obra é realizado em função dos propósitos que nortearam seu autor, de outro, o aproveitamento integral ou parcial de tais proposições está subordinado às metas de quem estuda ou pesquisa: trata-se de uma associação de ideias, transferência de situações e comparação de propósitos, mediante os quais seleciona-se apenas o que é

pertinente e útil, o que contribui para resolver os problemas propostos por quem efetua a leitura (Lakatos, 2003, p. 23)

Sendo assim, a fundamentação deste trabalho consiste em concepções discutidas por autores e relatos de pessoas, nas quais juntas possibilitam reflexões sobre a experiência educacional e cotidiana de pessoas com deficiência no contexto da pandemia, destacando a história de luta e conquista deste grupo social.

3. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Esta seção tem o propósito de apresentar e discutir os dados coletados. Para isso, quatro dimensões caracterizam os elementos analisados, sendo essas: Dimensão 1. Impacto da pandemia no egresso universitário de pessoas com deficiência; Dimensão 2. Pandemia e história das pessoas com deficiência e Dimensão 3. Educação e COVID-19 no contexto da deficiência.

Dimensão 1: Impacto da pandemia no egresso universitário de pessoas com deficiência

Relato 1: Limites de convivência e dificuldade de inserção profissional

Me chamo Maria, sou uma mulher com 25 anos, tenho paralisia cerebral e posso relatar que depois da pandemia minha vida mudou totalmente como das demais pessoas. Sempre fui livre para lutar pelos meus objetivos, me formei no começo de 2020 em uma universidade federal do Nordeste e minha meta era continuar a carreira da vida acadêmica, fazendo mestrado, doutorado e concurso, mas a pandemia chegou de repente e sem dar conta tivemos que mudar nossos hábitos.

De primeiro momento com impacto da COVID-19, me acomodei na minha vida como estudante pelo fato de ter perdido o contato com os professores e colegas – antes apesar de ter concluído a graduação, frequentava a universidade para prosseguir com o desenvolvimento do projeto de acessibilidade que estava fazendo com dois docentes e com os colegas. Com a mudança por causa da pandemia, fomos sujeitos a adiar o dia de aplicar nosso projeto na prática.

A distância física da universidade me fez precisar de auxílio para a preparação da seleção do mestrado. No meio das circunstâncias presentes, já pensei em desistir da carreira acadêmica, pois tinha perdido as esperanças de um dia chegar no lugar que sempre sonhei, o qual é trabalhar na universidade que estudei.

Em meio a esses fatos com a autoestima lá embaixo, mesmo assim, sempre buscando um jeito de trabalhar para obter minha independência financeira, meus pais vendo toda essa agonia resolveram abrir uma lojinha para mim. E com isso me fez perder as esperanças de um dia conseguir trabalhar na minha área, só retornei a estudar para chegar aonde quero futuramente

depois que uma professora da graduação conversou comigo aconselhando para não deixar de lado a minha meta de vida.

*Fonte: Maria, 25 anos, relato autobiográfico coletado em 01 de julho de 2021.

O contexto da pandemia tem dificultado as vidas das pessoas com deficiência, como percebe-se no relato de Maria. Ela encontra muitas barreiras na fase de ingresso do curso superior, tanto para entrar no mercado de trabalho como para continuar a carreira acadêmica em nível de mestrado. A estudante ressalta que a maior dificuldade é a falta de convivência com as demais pessoas devido a não possuir mais vínculo na universidade, mas também porque a pandemia restringiu o contato profissional.

Atualmente o mundo está vivenciando uma transformação no cotidiano pelo motivo da emergência do vírus Sars-CoV-2 que é o causador da doença COVID-19. A COVID-19 é uma doença conhecida como uma grande família de vírus que são causados por infecções respiratórias. O vírus foi inicialmente detectado em dezembro do ano de 2019, após alguns casos que foram registrados na China (Medeiros, 2020, p. 1). Ainda com a incerteza de como o vírus era transmitido, no momento inicial começaram as investigações:

[...] a origem, ainda incerta, está provavelmente relacionada a uma mutação do coronavírus que infecta morcegos, quebrando a barreira genética para conseguir se adaptar a uma nova espécie. O local inicial de transmissão foi um mercado de frutos do mar e animais vivos na cidade de Wuhan, China. Os primeiros casos foram de indivíduos frequentadores desse mercado. Posteriormente o vírus foi transmitido para familiares e, em progressão geométrica, para províncias próximas, expandindo-se para diversos países de todos os continentes (Medeiros, 2020, p. 1).

Depois do conhecimento da população brasileira acerca da gravidade da pandemia, as mudanças cotidianas provocaram grande impacto nas relações sociais e na economia brasileira, devido a adoção de medidas de isolamento social. Em meio a toda essa situação, durante o período inicial da pandemia foi preciso enfrentar a paralisação dos serviços não essenciais, o que inclui as atividades acadêmicas presenciais.

Por essa razão, Maria é uma das pessoas com deficiência afetadas pelas restrições atuais. Ela relata que não recebe apoio comparável ao que tinha no ambiente físico da universidade em relação ao acompanhamento dos docentes e ao auxílio dos bolsistas para realizar suas atividades, quando se deparou com a realidade presente de ensino remoto. Por várias vezes, ela já sentiu vontade de desistir de seguir carreira acadêmica por não dispor de apoio necessário, como o auxílio

institucional para as realizações das suas inscrições de seleções para a pós-graduação, como também o contato com a equipe para colocar o seu projeto de pesquisa em prática. Esses são exemplos de situações que afetam as pessoas com deficiência no contexto presente.

Dimensão 2. História, cotidiano e pandemia no contexto das pessoas com deficiência

Relato 2: Impacto psicológico da pandemia no cotidiano das pessoas com deficiência

Meu nome é Ana, tenho 23 anos e sou uma jovem com paralisia cerebral, graduada em Pedagogia. No início da pandemia, não estava ligando muito afinal gostava mesmo de ficar em casa, depois surgiu o caso da doença de uma pessoa muito próximo a mim, e foi aí que, parece a ficha caiu, passei a ver a gravidade da situação, achava que esse vírus pegava só em olhar, e comecei a entrar em pânico em desespero, não abria nem sequer a janela de casa, pensava que o vírus pegava fácil simplesmente só em olhar para pessoa que estava contaminado, tive que fazer tratamento de psicólogo em casa para poder me acalmar.

Depois de tanto desespero durante a pandemia, o que poderia melhorar em minha vida era começar a trabalhar no ramo de gráfica, onde abrir uma mini gráfica e com as criações realizada na gráfica. Às vezes, me pego no meio da imaginação com tanta coisa legal que tenho para criar e isso me faz ocupar a mente.

*Fonte: Ana, 23 anos, relato autobiográfico coletado em 20 de julho de 2021.

Segundo o relato de Ana, o contexto pandêmico em seu início, não chegou com tanto impacto em sua vida, já que a mesma gostava muito de ficar em casa. Porém, assim como uma grande parte da sociedade, a jovem só veio ter a real dimensão da gravidade logo após uma pessoa muito querida dela vir a se infectar pelo vírus. A partir do momento que Ana se depara com aquela realidade de tão perto, entra em pânico chegando a fazer tratamento psicológico para conseguir lidar com aquela nova realidade.

Em meio ao relato de Ana podemos perceber o impacto psicológico que assim como ela muitas pessoas vieram a desenvolver, sendo que o próprio momento pandêmico potencializa tais transtornos pelo fato de que teríamos que nos distanciar socialmente, fazendo com que se tornassem inviáveis algumas formas de terapias. Diante de tal situação, percebemos que o impacto do vírus vai além do que todos nós poderíamos imaginar.

Nota-se que o vírus da COVID-19 causou um impacto muito grande no convívio das pessoas em virtude de ser uma doença desconhecida e invisível que se alastrava nos diversos países, no qual veio afetando a todos, principalmente o psicológico daqueles que já tinham conquistado seu espaço em sociedade. Ninguém estava preparado a mudar sua rotina para viver isoladamente, e na medida em que os casos de infectados aumentavam no decorrer dos dias as pessoas com deficiência, mais uma vez, se deparam com a situação avassaladora.

No início da pandemia por falta de conhecimento de como essa doença era transmitida tiveram vários surtos psicológicos e logo começaram as medidas de cuidados diários, como, a paralisação da esfera pública, através de decretos de afastamento social e toque de recolher que se deu em algumas cidades. Essas precauções se deram em meio a circunstância do que a doença poderia provocar, principalmente diante dos “[...] seus períodos de incubação mais longos resultam num número significativo de portadores assintomáticos”. (Figueiró, 2020 apud, Chen, 2020, p. 13).

Apesar das medidas de cuidados, Ana diz que depois do ente próximo se infectar só aumentava o medo e as dúvidas de como a vida iria seguir e se algum dia iríamos vencer esse vírus para voltar a nossa vida normal. Para muitos isso não passava de uma pequena turbulência que logo passaria, mas para outros o medo potencializava na medida que um ente próximo era vencido pela COVID-19. Em meio a isso, as pessoas procuravam sempre tomar medidas para que esse vírus pudesse ter menos danos possível. Para Faro, Bahiano, et al. (2020, p.4) “[...] O tempo mínimo indicado para a quarentena tem sido de duas semanas, que é o período de incubação do vírus [...]”. Mas só isso não bastava, pois, essa doença nem todo mundo que está com ela sente os sintomas, por isso que os Governantes das cidades criaram decretos para evitar aglomeração de pessoas em locais públicos, só o comércio de extrema importância, no caso o supermercado, hospitais permaneceram abertos em períodos curtos.

Desse modo, deu-se início às estratégias para que a rotina do cotidiano não parasse totalmente, umas delas foram as universidades que tiveram de adotar maneiras para que seus alunos não atrasassem seus estudos diante da suspensão de suas aulas presenciais tanto nos setores públicos como no privado. E foram adotadas as aulas remotas que no artigo de Gusso, Archer, et al. (2020) ele esclarece a necessidade de adotar aulas remotas com maneiras de adaptação nos sistemas digitais nesse período. Mesmo com esse olhar de ampliar as oportunidades de acesso para o ensino, nem todos tiveram chances de continuar seus estudos.

Na medida dessa mudança das realizações das aulas no modelo remoto muitos perderão acesso por falta da acessibilidade que contava no ambiente de ensino antes da pandemia. A perda de acesso e a falta de conhecimentos sobre as formas de trabalhar dentro das leis que garante a educação de todos, limitou muitos, principalmente as pessoas com deficiência a continuar suas atividades educacionais pelo motivo de não ter o acompanhamento necessário.

Além da área da educação, surgiram os desafios dos desempregos com o fechamento de alguns mercados de trabalho dificultando a vida do povo brasileiro, principalmente a classe baixa do país. Diante o contexto epidêmico, Costa (2020, p. 971) afirma que “[...] atinge com maior intensidade a população que vive na informalidade e reside em áreas precárias, ou seja, que tem rendimentos baixos e irregulares, [...]”. Articulando o aumento do desemprego em toda região do país fica claro que a população precisou do apoio financeiro das políticas que protegessem a fome e assegure todas as necessidades da sociedade.

Na concepção de Ana o contexto da pandemia várias coisas mudaram, e mesmo com as medidas de precauções tomadas em relação a saúde está bem adiantada com as vacinas e as estratégias que foram aplicadas nos campos trabalhados nesse tópico, pode perceber que foi e está sendo muito difícil voltar a vida normal. Tem muita gente ainda que estão inseguras em relação às vacinas e por isso não tomam e nem seguem as orientações de cuidados. No entanto, a percepção da gravidade da doença é evidente quando atinge um ente querido, como no caso de Ana que depois de enfrentar essa realidade de perto ficou com medo de sair e por isso sentiu os efeitos psicológicos diretamente.

Dimensão 3. Educação e COVID-19 no contexto da deficiência

Relato 3: Barreiras no acesso à educação para as pessoas com deficiência no contexto da pandemia.

Meu nome é João, tenho 21 anos, nasci com Síndrome de Williams e estudo o terceiro ano do ensino médio. Sou um jovem extremamente comunicativo e as relações sociais são muito importantes para o meu desenvolvimento. Desde o início da pandemia, eu fiquei muito triste em ter que me ausentar da escola, essa distância me causa muitas crises de ansiedade.

A minha escola não adotou nenhum tipo de estratégia para me incluir e me enviar conteúdo e atividades. No entanto, tem uma professora de Educação Especial que mesmo sendo

exclusiva de um outro aluno, no início da pandemia me deu um suporte, eu fiquei muito satisfeito e feliz, mas atualmente não estou tendo suporte nenhum. Minha família tenta fazer o possível para que eu tenha possibilidades de desenvolvimento, com a pandemia fica muito complicado, temos que nos distanciar socialmente e isso me prejudica demais pelo fato de ser tão sociável.

O que eu mais desejo é que com o avanço da vacinação para que essa pandemia possa acabar para que possamos voltar a nossa vida o mais normal possível. Eu não aguento mais tanta distância, eu amo abraçar e conviver com outras pessoas, assim me sinto feliz.

*Fonte: João, 21 anos. Relato autobiográfico coletado e transcrito pela mãe com base as respostas do autor em 20 de agosto de 2021.

Com base na realidade descrita pela mãe de João esse momento pandêmico, tem afetado muito seu desenvolvimento escolar e também seu psicológico tem sido bastante afetado. Nota-se que o distanciamento social e a falta de métodos para incluí-lo no ambiente educativo, é sua maior dificuldade e que acaba afetando o seu desenvolvimento. Apesar de toda assistência familiar, o contato com outras pessoas sempre foi sua maior terapia.

João hoje se sente desanimado em saber que seus amigos de escola estão tendo aulas remotas, e a forma que ocorre essas aulas não são acessíveis a ele. Sendo assim, notamos que os profissionais da educação precisam rever seus métodos de estratégias para que todos os alunos possam participar e se sentir incluídos.

Sabemos que hoje a Lei Nº 13.146 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência) garante que todas as pessoas com deficiência tenham um profissional de apoio no seu percurso estudantil. Mas existem escolas que ainda não disponibilizam esse apoio que precisam, e isso muitas vezes dificulta o aprendizado dos alunos. Os autores de educação têm que sempre está buscando formas de melhorar seu trabalho, com base nas normas que são apresentadas na Lei de Diretrizes e Bases da educação básica (LDB) que garante o acesso de todos a educação, como dever constitucional do Estado.

Percebe-se que na educação as dificuldades aumentaram no presente momento. Algumas instituições educacionais buscaram métodos pedagógicos diferenciados para desenvolver as aulas. No meio das tomadas de providência, a melhor solução foram as aulas remotas, previsto que nem todos iriam ter acesso por motivos das suas condições. No entanto, mesmo que o ensino remoto seja uma opção viável para algumas escolas, essa opção tem acentuado problemas estruturais, já

que essa “não pode ser a única solução; esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem o equipamento necessário”. (Dias; Pinto apud Souza; Franco; Costa, 2016, p. 546).

Note-se que mesmo com as medidas tomadas pelo Ministério da Educação com o Decreto da Portaria Nº 544, de 16 de Junho de 2020 que dispõe sobre a suspensão das aulas presenciais e sequentemente com a substituição para as atividades remotas, surgiu vários questionamentos preocupantes por parte de diversos professores, alunos e pelos seus responsáveis, principalmente, daqueles que não tinham práticas com o uso das tecnologias digitais na rotina do dia-a-dia e nem acesso aos equipamentos de via internet.

Com essa tomada repentina do fechamento dos órgãos de educação que ocorreu em 12 de março de 2020 diante do anúncio do primeiro Ministro que teve a finalidade de combater os surtos da COVID-19, todos foram sujeitos a trabalhar em conjuntos tanto no ensino básico como no superior de forma online, onde as aulas começaram por intermédio da utilização dos aplicativos de videoconferência pelas redes sociais e por via das adaptações na modalidade de Educação a Distância (EaD) que se deu por meio do uso dos ambientes virtuais de aprendizagem. Agora o reaprender a ensinar e o reaprender a aprender se estabelecem como um desafio no momento de isolamento social nos ambientes educacionais.

É importante ver que as adaptações previstas no contexto epidêmico se fazem necessário o uso das tecnologias digitais. Sendo assim, os governos da área de educação dos estados devem buscar recursos para que os educadores possam dar suas aulas, de acordo com a necessidade dos alunos, fazendo com que os usos das didáticas abordadas pelo professor cheguem do outro lado da tela de forma legível e acessível para todos.

Tendo em vista que as aulas remotas podem ser desafiadoras para os educadores, alunos e seus familiares, Cordeiro (2020, p. 3) afirma que é no ambiente familiar que os maiores desafios no âmbito da formação escolar e acadêmica têm ocorrido:

As famílias também tiveram que se adaptar à nova realidade, além de cuidar da casa, trabalho remoto (Home office), precisam acompanhar e auxiliar nas atividades prescritas pelos educadores. Algumas famílias estão tendo dificuldades para acompanhar seus filhos pois muitos continuam trabalhando e não tem experiência em ensinar.

Salienta lembrar que esse impacto da COVID-19 desabou no cotidiano de todos, fazendo com que a desigualdade fosse escancarada para a sociedade, dificultando ainda mais as pessoas com deficiência terem acesso às informações e o contato no ambiente escolar. Percebe-se que assim como João outras pessoas com deficiência foram esquecidas mais uma vez, pois mesmo com as aulas remotas serem proporcionadas para todos, ainda existe barreiras que exclui o aluno com deficiência, como na situação descrita no relato anterior. Silva et al. (2020, p.2) exemplifica que os alunos da comunidade surda, em alguns casos, não têm acesso às aulas remotas, pelo simples fato dos professores que administram essas aulas não terem o conhecimento na Língua Brasileira de Libras - LIBRAS.

A educação especial não pode estar limitada só aos espaços físicos das salas de multifuncional, porém no contexto que estamos vivenciando deve ser oferecido todas as possibilidades de assistência pedagógica de modo remoto para as pessoas com deficiências. Diante desse entendimento, seria relevante atitudes na comunidade escolar que disseminar estratégias para incluir aqueles que necessitam de uma atenção maior, isso faria que João e outras pessoas não se sentissem excluídas devido às:

[...] barreiras atitudinais, tecnológicas e comunicacionais, que se fazem tão presentes na realidade da maioria dos estudantes com deficiência, transtorno do espectro autistas e altas habilidades, serão minimizadas ou até mesmo eliminadas (Cury et al., 2020, p. 4).

O uso das tecnologias digitais se forem passadas de forma correta nas aulas remotas dar para os alunos com necessidades especiais ter vontade de conhecer suas altas habilidades, mesmo tendo dificuldades e transtornos no início desse processo de adaptação. Se for dessa maneira os estudantes como João que, muitas vezes, sofreu por não ter mentos no seu desenvolvimento e na aprendizagem passaram a ter mais confiança para buscar seus direitos. Para Mattos Filho (2017, p.5) “os sistemas e as tecnologias de comunicação devem ter assegurados formatos nos quais as pessoas com deficiência tenham, com segurança e autonomia, a possibilidade e condição de usufruir”.

Na medida em que esses desafios passam no decorrer dos dias, as pessoas com deficiência devem estar dispostas a superar seus medos de enfrentar o mundo e cada vez mais lembrar a sociedade que as Leis existem e devem ser respeitadas. Isso precisa se importar em todo ambiente de ensino e aprendizagem, para que não tenham atitudes de exclusão no ensino remoto.

As turmas que tiverem alunos como João e com outras limitações especiais devem ter um planejamento didático com os demais organizadores que compõem no ensino remoto, para que atenda às necessidades dos alunos e inclua todos nos desenvolvimentos das atividades. Portanto, se as pessoas começassem a trabalhar com atitudes educacionais de incluir o mundo poderia se tornar mais inclusivo.

Com isso, esse momento dar para as pessoas com deficiência se mobilizarem e usar essa situação como armar relevante enfim que os professores busquem trabalhar a inclusão e com as tecnologias em suas aulas desde os anos iniciais, para que futuramente os cidadãos que for seguir a carreira de educadores possam estar preparados para lidar com qualquer situação que apareça no decorrer da vida. Do ponto de vista das dificuldades que foram coletadas através do relato descrito pela mãe do aluno, percebe-se que a educação precisa melhorar ainda mais, para considerar uma sociedade acessível e inclusiva.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste trabalho teve o intuito de analisar a experiência educacional e cotidiana de pessoas com deficiência no contexto da pandemia da COVID-19. Diante desse conhecimento, podemos ver que a situação que estamos passando em meio a pandemia da COVID-19 é avassaladora, principalmente para as pessoas com deficiência que já tinham conquistado seu espaço em sociedade, e no presado momento estão se sentindo desestimuladas por terem que viver distanciadas da sociedade novamente. Por vezes, não há possibilidades de acolhimento nessa situação vivenciada.

Percebe-se diante das falas dos participantes o que mais afetou em seu desenvolvimento foi a falta do contato com outras pessoas, pois eles sempre foram livres para viver em sociedade. Quando o vírus da COVID-19 chegou no Brasil, para quem já era acostumado a viver em casa não sentiu tanto impacto, só deram conta do tamanho da gravidade desse vírus quando se deparam com uma situação de perto. Mas para outros desde o início desta situação entraram em estado de choque, ao ver que o convívio deles iria mudar.

Alguns ficaram desencorajadas, sem saber o que fazer em meio desse contexto, a vida já não era a mesma e muitas vezes eles se sentiram sozinhos com vontade de se encontrar com parentes e amigos só conversar nem que fosse um pouco. Pois o contato com outras pessoas também é uma forma de terapia para muitos que se evoluir através das relações sociais.

Além disso, os participantes também relataram as dificuldades enfrentadas no contexto educacional, por falta do auxílio para realizar suas atividades. Entretanto, nessa realidade muitos se sentiram excluídos na rede da educação, pela falta de métodos didáticos e recurso de apoio que garantisse a permanência dos alunos que não estavam conseguindo acompanhar as aulas nesse mundo remoto.

As maiores dificuldades que as pessoas com deficiência passam é quando no lugar que elas residem os seus direitos de prioridades não são respeitados. No âmbito proliferação do COVID-19, em muitos lugares, as pessoas com deficiência não foram reconhecidas como seres vulneráveis do grupo de risco. Sabemos que é de direito que as pessoas com deficiência tenham prioridades aos serviços de saúde – bem como em outras áreas dos direitos humanos, como a educação - inclusive em situações emergências como é o caso da pandemia que vem afetando a todos. E, essa é a nossa maior luta no atual contexto.

REFERÊNCIAS

- Borba, A. A., & Lima, H. M. (2011). Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia. *Serv. Soc. Soc., São Paulo, 106*, 219-240, <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/m9myrdnWWqsDjph5WRsRHym/?lang=pt&format=pdf>
- Castro, D. (2020). Brasil e o mundo diante da Covid-19 e da crise econômica. <https://www.ufpr.br/portalufpr/wp-content/uploads/2020/07/Brasil-e-o-mundo-diante-da-Covid-19-e-da-crise-economica.pdf>
- Corrente, N. (2021). DA ANTIGUIDADE A CONTEMPORANEIDADE: A DEFICIÊNCIA E SUAS CONCEPÇÕES. *Revista Científica Semana Acadêmica*. Fortaleza, ano MMXVI, n. 000089 https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/nikolas_corrent_educacao_especial.pdf
- Cordeiro, K. M. de A. (2020). O IMPACTO DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO. A UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO. 1-15. <https://dspace.sws.net.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMI%20A%20NA%20EDUCA%20C%2087%20C%2083O%20A%20UTILIZA%20C%2087%20C%2083O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf>
- Campos, L. A. (2017). RACISMO EM TRÊS DIMENSÕES. Uma abordagem realista-crítica, [S. l.], 1-19. <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/8YsCLH9MsCZ3dPWC47JLmFd/?lang=pt&format=pdf>
- Dias, É., & Pinto, F. C. F. (2020). A Educação e a Covid-19. *Ensaio: aval. pol. públ. educ.* 28(108). <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002801080001>

- Domingues, C. M. A. S. (2021). Desafios para a realização da campanha de vacinação contra a COVID-19 no Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 37(1). <https://scielosp.org/pdf/csp/2021.v37n1/e00344620/pt>
- Ferreira, W. B. (2004). Invisibilidade, crenças e rótulos... Reflexão sobre a profecia do fracasso educacional na vida de jovens com deficiência. *IV Congresso Brasileiro sobre Síndrome de Down Família, a gente da inclusão*. https://www.academia.edu/49042371/Invisibilidade_cren%C3%A7as_e_r%C3%B3tulos_reflex%C3%A3o_sobre_a_profecia_do_fracasso_educacional_na_vida_de_jovens_com_defici%C3%Aancia
- Faro, A., Bahiano, M. de A., Nakano, T. de C., Reis, C., Silva, B. F. P. da, & Vitti, L. S. (2020). COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estud. psicol. (Campinas)* 37 <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>
- Figueiredo, C., Cunha, M., Sousa, Liliana, S., & Eduardo, S. (2020). Impacto psicológico da pandemia da COVID-19 na população geral: protocolo de revisão sistemática com meta-análise. *Millenium*, 2(ed espec. n.7), 11-16. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?Codigo=7755117>
- Gusso, H. L., Archer, A. B., Luiz, F. B., Sahão, F. T., Luca, G. G. de, Henklain, M. H. O., Panosso, M. G., Kienen, N., Beltramello, O., & Gonçalves, V. M. (2020). ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: DIRETRIZES À GESTÃO UNIVERSITÁRIA. *Educ. Soc., Campinas*, 41. <https://doi.org/10.1590/ES.238957>
- Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei brasileira da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Senado Federal - Coordenação de Edições Técnicas, 2015.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. de A. (2003). Fundamentos de metodologia científica. (5a ed.). São Paulo: Atlas.
- Silva, L. I. I. da, & Vannuchi, P. (2006). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192
- Medeiros, E. A. S. (2020). DESAFIOS PARA O ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA COVID-19 EM HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS. *Rev. paul. pediatr.* 38, 1-2. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2020086>
- Mattos, F. IMPACTOS DA COVID-19: Proteção às pessoas com deficiência. <https://publicacoes.mattosfilho.com.br/books/umco/#p=1>
- Teixeira, C. F. de S., Soares, C. M., Souza, E. A., Lisboa, E. S., Pinto, I. C. de M., Andrade, L. R. de, & Espirdião, M. A. (2020). A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(9), 3465-3474. <https://www.scielo.br/pdf/csc/v25n9/1413-8123-csc-25-09-3465.pdf>

Reichenberger, V., Albuquerque, M. do S. V. de., David, R. B., Ramos, V. D., Lyra, T. M., Brito, C. M. M. de, Koptcke, L. S., & Kuper, H. (2020, 29 de maio). O desafio da inclusão de pessoas com deficiência na estratégia de enfrentamento à pandemia de COVID-19 no Brasil. *Epidemiol. Serv. Saúde*, 29(5), 1-6.

<https://www.scielo.br/j/ress/a/PmtcgvxKKswpQTxbZVVyVpk/?lang=pt&format=pdf>

Silva, F. A. J. da. (2006). O CATIVEIRO RURAL COLONIAL: RECONSTITUIÇÃO ARQUEOLÓGICA DA SENZALA DA FAZENDA DE SÃO BENTO DE JAGUARIBE Município de Abreu e Lima, Pernambuco. [Dissertação de Mestrado, Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife].

https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/584/1/arquivo2325_1.pdf

Soares, A. M. M. (2010). NADA SOBRE NÓS SEM NÓS: ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE JOVENS COM DEFICIÊNCIA PARA O EXERCÍCIO DA AUTOADVOCASIA EM UMA AÇÃO DE EXETENSÃO UNIVERSITÁRIA. 2010. [Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4919/1/arquivototal.pdf>

Werneck, G. L., & Carvalho, M. Sá. (2020). A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cad. Saúde Pública*, 36(5).

<https://www.scielo.br/j/csp/a/pz75jtqNC9HGRXZsDR75BnG/?format=pdf&lang=pt>